

Lisboa, 06 de Julho de 2016

O risco corporativo mundial atinge níveis máximos

- **Previsões de crescimento mundial para 2016 revistas em baixa para 2.5%**
- **O nível médio para o risco global corresponde a B, «risco significativo»**
- **Número crescente de mercados emergentes incluídos nas categorias de risco «extremo» e «muito elevado»**
- **Três economias mundiais de liderança tornaram-se frágeis**
- **China penaliza a actividade em diversos países da Ásia**
- **A Europa enfrenta dinâmicas positivas, mas o risco político derivado do Brexit deve ser monitorizado**

A economia mundial enfrenta uma armadilha de crescimento “ao estilo japonês”

Desde o cenário de crescimento internacional anunciado pela Coface em Março passado, as perspectivas deterioraram-se ligeiramente e o crescimento permaneceu abaixo dos 3% em 2016, pelo sexto ano consecutivo. As empresas foram penalizadas por este cenário atónico ao “estilo japonês”: a ausência de escoamento de produtos e a fraca inflação reduz o poder de compra. O claro aumento do risco corporativo no mundo foi confirmado pela última revisão das Avaliações de Risco País¹ da Coface. A média das avaliações para todos os 160 países alcançou um nível elevado, nunca antes registado, desde o início do século, correspondendo ao B, nível de “risco significativo”.

Uma onda de choque causada pela vulnerabilidade dos Estados Unidos e da China

As três maiores economias mundiais foram afectadas pelo agravamento do risco de crédito: depois da revisão em baixa da avaliação do Japão para A2 em Março passado, é agora a vez dos **Estados Unidos** e da **China**, descerem para A2 e B, respectivamente.

- Nos Estados Unidos, as empresas enfrentam problemas cíclicos: o ponto de recuperação pós crise foi atingido e conduziu a um aumento das insolvências pela primeira vez desde 2010. As empresas enfrentam baixos níveis de rentabilidade e níveis de investimento reduzidos, apesar da contínua queda do desemprego.
- Na China, apesar do crescimento estável, as medidas de estímulo provaram ter um efeito limitado devido ao excesso de capacidade e ao excessivo endividamento das empresas.

Surpreendentemente, esta onda de choque está a alastra-se ao **Canadá**, por um lado, cuja avaliação foi reduzida para A3 e, por outro lado, para diversos países asiáticos. Por esta razão, as avaliações da **Coreia do Sul**, **Hong Kong**, **Singapura** e **Taiwan** desceram para A3 e a **Malásia** para A4. Estes países sofrem de forte exposição ao abrandamento estrutural da economia chinesa, no que diz respeito à exportação, turismo e investimentos. Para além

¹ As Avaliações de Risco País da Coface reflectem a média do risco de crédito das empresas de um determinado país, numa escala de 8 níveis: A1, A2, A3, A4, B, C, D, E por ordem crescente de risco.

disso, a instabilidade nos mercados de bens, incluindo o petróleo, está a penalizar a actividade económica.

O Investimento está a aumentar na Europa, contudo, também os riscos políticos

A incerteza política na Europa está a pesar nos níveis de confiança dos negócios e das famílias. Após o Brexit, a Coface revê a previsão de crescimento para o PIB Britânico em 0,6 pontos, para 1.2% em 2016. O facto dos exportadores estarem a beneficiar da baixa taxa de câmbio não é negativo. No longo prazo, um acordo “estilo norueguês” de comércio livre parece pouco provável, após a resignação de David Cameron e, se as regras da OMC forem aplicadas, o custo económico pode ser elevado para o Reino Unido e para a UE. Os sectores de exportação britânicos, ligados à UE pelas cadeias de fornecimento, podem vir a ser penalizados por taxas alfandegárias. Dentro da UE, os países com um mercado interno limitado e relações comerciais prioritárias com o Reino Unido, enfrentam o mais elevado nível de exposição: a Irlanda, e em menor grau, a Holanda, a Bélgica, a Dinamarca e a Suécia.

Neste momento, nenhum efeito é esperado no dinâmico e saudável crescimento da euro zona (previsto 1.7% em 2016), alimentado pelo consumo privado e pelo investimento privado. Os orçamentos flexibilizados, a descida do preço do petróleo e as baixas taxas do BCE, tiveram efeitos positivos nas margens de lucro das empresas. Os pequenos negócios estão a beneficiar, pela primeira vez, de uma maior variedade da oferta de empréstimos bancários.

- A **França** subiu para o nível A2, em resposta a vários sinais de encorajamento: o elevado nível de investimento nos últimos 4 anos, um novo impulso no sector da construção (que representa 5% do PIB), e uma queda constante no número de insolvências, estimadas em -3.2% para 2016.
- A **Itália** subiu para o nível A3, devido à queda das insolvências, do desemprego e do expectável aumento de crescimento.

A Europa Central segue à boleia deste despertar positivo da Europa Ocidental, com melhores avaliações para quatro países: **Lituânia (A3)**, **Eslovénia (A3)**, **Letónia (A4)** e **Roménia (A4)**, aproveitando as condições favoráveis do crescimento sólido e da pouca dependência das exportações para a Rússia.

Permanece o considerável impacto da queda dos preços do petróleo

Os efeitos da queda do preço do petróleo continuam a fazer-se sentir entre os países exportadores de petróleo. A **Arábia Saudita** (nova avaliação **B**), o **Kuwait (A3)**, o **Qatar (A3)** e a **Argélia (C)** viram o seu deficit público aumentar e o negócio não hidrocarboneto a diminuir. O mesmo se aplica a **Angola** e à **Zâmbia (D)**, devido à queda da moeda local no seguimento do



P R E S S R E L E A S E

abrandamento Chinês e do colapso nos preços dos produtos, e **Moçambique (D)**, que enfrenta um elevado e provável incumprimento de pagamentos.

Neste contexto, a Coface considera também que uma oitava categoria de avaliação deve ser introduzida (E), para “risco extremo”, de forma a adicionar granularidade à análise de risco do país: alguns países com uma avaliação D irão, por isso, ser alocados à nova categoria E, como sinónimo de risco de crédito extremamente alto. Os seguintes países serão englobados nesta nova classificação: Afeganistão, Arménia, República África Central, Cuba, Eritrea, Irão, Iraque, Líbia, Sudão, Timor-Leste, Venezuela, Iémen, Zimbabwe.

PARA MAIS INFORMAÇÕES:

Cláudia MOUSINHO - 211 545 408 | claudia.mousinho@coface.com

Sobre a Coface:

O Grupo Coface, líder mundial em seguro de crédito, oferece às empresas em todo o mundo soluções globais para protegê-las do risco de incumprimento financeiro dos seus clientes, tanto no Mercado doméstico como na exportação. Em 2015, o Grupo, apoiado pelos seus 4.500 colaboradores, registou um volume de negócios consolidado de €1.490 mil milhões. Com presença directa e indirecta em 100 países, garante as transacções de cerca de 40.000 empresas em mais 200 países. A Coface publica trimestralmente as suas avaliações de risco país para 160 países, com base no seu conhecimento aprofundado do comportamento de pagamento das empresas e na experiência dos seus 660 analistas de risco e analistas de crédito, próximos quer dos clientes quer dos seus compradores.

Em França, a Coface gere as garantias públicas à exportação em nome do Estado Francês.

www.coface.pt



Coface SA. is listed on Euronext Paris – Compartment A
ISIN: FR0010667147 / Ticker: COFA